

*A Diferença na Repetição*  
*Simpósio de São Paulo – Novembro de 1999*

*Por Arlete Mourão*

Gostaria de lembrar que a escolha do tema deste Simpósio se deu, em Petrópolis, com o objetivo de podermos ter mais uma oportunidade para continuar pensando Intersecção, a partir das questões que nos fossem surgindo durante este seu tempo de funcionamento. Foi por isso também que se pensou e decidiu por fazer este Simpósio, ainda mais uma vez, restrito a seus participantes, e que só a partir do próximo (Bahia?) então o faríamos de forma aberta e amplamente divulgada.

A meu ver, o fato de termos escolhido *Repetição e Diferença* como tema, acabou também se tornando muito oportuno para este momento de Intersecção, porque, além de nos dar chance de mantermos aberta a discussão sobre esta modalidade de vínculo absolutamente novo em psicanálise, permite-nos avançar algumas interrogações, críticas e objeções que nos têm sido colocadas. Seria essa característica do novo, do diferente, aquilo que poderia estar provocando tais resistências?

De uma dimensão imaginária, sabemos como uma inquietante estranheza (Unheimlich) pode vir à tona quando, no espelho do Outro, no lugar do eu ideal (heim) aparece “outra coisa”: não o semelhante, mas o diferente.

Numa perspectiva simbólica, penso que o estudo e trabalho que empreendemos sobre o conceito do Nome-do-Pai, para o Simpósio do Rio de Janeiro, deram-nos alguns subsídios para pensar algumas implicações da nomeação deste novo significante<sup>1</sup>.

Agora, esta abordagem do tema *Repetição e Diferença* talvez nos permita apreender melhor a dimensão real e suas implicações, evocadas por esse ato. Como poderíamos articular essa perspectiva do novo – novo que causa resistência – a partir da questão da repetição: da repetição do mesmo e da repetição como diferença? O que, em IPB, é repetição e onde está a diferença? Qual a relação da resistência com o Real?

É realçando o aspecto da diferença contido na repetição, que nos deparamos com a dimensão do Real – do real do trauma.

Mesmo do ponto de vista simbólico, ou seja, da repetição enquanto um ciclo de comportamentos que se repetem para presentificar um significante que foi abolido – o que remete à perspectiva do funcionamento dos significantes, da lei dos significantes – não há como fugir da questão do porquê isso se repete. E aí, também, confrontamo-nos com o real, com o trauma: corte que instaura o inconsciente e a repetição.

Sobre isso, em seu *seminário 9*, Lacan colocou: “ [...] qualquer que seja a função interessada neste ciclo [...] o que ela quer dizer enquanto automatismo de repetição é que ela está aí para fazer surgir, para trazer de volta, para fazer insistir alguma coisa que não é nada mais, em sua essência, que um significante designável por sua função. É especialmente sob esta face que ela introduz no ciclo de suas repetições – sempre as mesmas em sua essência e portanto concernindo a alguma coisa que é sempre a mesma coisa – a diferença, a distinção, a unicidade, que é sempre porque alguma coisa na origem

---

<sup>1</sup> Implicações desenvolvidas em meu texto, *Uma Identificação à Letra e uma Transferência ao Texto*, apresentado na Reunião Lacanoamericana de Rosário – Argentina – julho de 1999. Disponível no site de IPB.

*aconteceu e que é todo o sistema do trauma, a saber: que uma vez produziu-se algo que tomou desde logo a forma do A ...*"<sup>2</sup>

Nesse momento, para Lacan, o A refere-se ao que chamou "sombra do trauma", isto é, "[...] *um certo significante que sozinho pode suportar o que se pode definir como uma letra, instância da letra no inconsciente, este grande A, o A inicial enquanto é numerável*"<sup>3</sup>, ou seja, o traço unário.

Foi no *seminário II* que o eixo do Real passou a ser mais enfatizado para compor o fenômeno da repetição. Ali, Lacan fez uma diferenciação entre rememoração e repetição, colocando:

*"Se o sujeito só pode ser apreendido na rede significante, é esta que interessa ao psicanalista (tratar o real pelo simbólico). Aí o de que se trata é de discriminar essa rede em sua diacronia e sincronia, o que só é possível retornando, voltando, cruzando seu caminho. A isso chama-se rememoração.*

*Esse entrecruzamento, essa rede de significantes se caracteriza pelo fato de cruzar-se sempre do mesmo modo, ou seja, não se trata nessa rede, nessa sincronia, apenas de associações formadas ao acaso (tiquê) e contigüidade: os significantes só se constituem na simultaneidade, na sincronia, em razão de uma estrutura muito definida da diacronia constituinte. Essa sincronia é orientada por uma estrutura de corte, ou seja, no núcleo dessa estrutura está uma hiância causal.*

*Se para ter acesso a essa estrutura impõe-se a rememoração, esta traz a idéia de um retorno, que se caracteriza pelo caráter de abertura e fechamento do inconsciente. Retorno não só em termos de retorno do recalcado, mas da própria constituição do campo do inconsciente onde, em função do real (furo) que o causa, retorna-se sempre ao mesmo lugar.*

*Se pela rememoração há um acesso à rede significante, ao inconsciente, nem por isso fica garantido um acesso ao sujeito, a uma posição subjetiva que possa ser evocada, ser retificada"*<sup>4</sup>.

À idéia de retorno (recordação, rememoração), Lacan opôs a de repetição, na qual não se trata de reprodução, *nada pode ser pego, nem destruído, nem queimado, senão de maneira simbólica – in effigie, in absentia*. Assim, repetir não é reproduzir, no sentido de lembrar, de rememorar, mas de "reproduzir em ato": presentificar na relação transferencial.

*"Sempre que, pela rememoração, o sujeito se aproxima desse ponto (real, traumático – de desamparo), que suscitaria a angústia, instala-se a resistência, que se torna "repetição em ato", na relação com o analista, ou seja, na relação transferencial"*<sup>5</sup>.

<sup>2</sup> Lacan, Seminário IX – A Identificação– Conferência IV – 6 de dezembro de 1961.

<sup>3</sup> Ibid

<sup>4</sup> Lacan, Seminário XI - Conferência 4 - 5 de fevereiro de 1964

<sup>5</sup> Ibid

Em síntese, nesse seminário 11, o retorno dos significantes (autômaton), engendrando a experiência de rememoração – dimensão simbólica – opõe-se à própria função da repetição (tiquê) – dimensão real – enquanto interdita a rememoração. *“Não há como confundir repetição com retorno dos signos (autômaton) [...]. A repetição é algo que, em sua verdadeira natureza, está sempre velado na análise [...].”*<sup>6</sup>

Nessa perspectiva, a função da repetição se equipara a insistência do trauma, que assim é “presentificado em ato” na transferência. *“O que esse jogo (a repetição) visa é aquilo que, essencialmente, não está lá enquanto representado”*<sup>7</sup>: a castração, o trauma, o real.

Lacan lembra ainda, nesse seminário, que *“não se trata, em Freud, de nenhuma repetição que se assente no natural, de nenhum retorno da necessidade. A repetição demanda o novo. Ela se volta para o lúdico o que faz desse lúdico, sua dimensão [...].”*

*[...] Tudo que na repetição varia, modula, é apenas alienação de seu sentido: [...] esse deslizamento vela aquilo que é o verdadeiro segredo do lúdico, isto é, a diversidade mais radical que constitui a repetição em si mesma”*<sup>8</sup>.

.....

Em que medida esses recortes poderiam sustentar o seguinte:

O “ato de nomeação” (ou nomeação?) de IPB instituiu um novo significante. Tomado sob esse estatuto de novo e, especialmente, de significante, que como tal não se cola a significados fixos, mas desliza entre significações sempre particulares, pontuais e transitórias, tal ato tem provocado efeitos que vão nos mais diferentes sentidos.

Se um desses sentidos se coloca sob a categoria de resistência, deduz-se que uma das vertentes da repetição contida nesse ato coincide não com uma rememoração (retorno de significantes: repetição do mesmo), mas com uma “reprodução em ato”: com a presentificação de um trauma – o que não tem como não provocar resistências.

Historicamente, não há como negar a presença de um trauma na origem desse vínculo que o significante IPB veio delimitar. Como tal, como “encontro do real”, na medida em que essa delimitação se nomeia (corte – trauma), passa-se do real ao simbólico, o que, simultaneamente, instaura a repetição não enquanto retorno do mesmo, mas como função de repetição. Ora, enquanto “presentificação em ato” na transferência com a psicanálise, a função da repetição se equipara à insistência do trauma, que assim é presentificado na transferência (Lacan).

Essa “origem traumática” de IPB circunscreve uma estrutura de corte, na qual o enodamento, a lei instaurada pelo ato de nomeação que a instituiu, sustenta-se em diferenças (diferenças de locais, de percursos, de pertencimentos, de níveis de produção e

<sup>6</sup> Ibid – Conferência 5 – 12 de fevereiro de 1964

<sup>7</sup> Ibid

<sup>8</sup> Ibid

participação). Diferenças que têm em comum o mesmo, ou seja, uma transferência à psicanálise ou ao discurso psicanalítico.

Assim, instituída pela insistência de um trauma, não se poderia dizer que aquilo que tem sido presentificado, em ato, na nossa transferência à psicanálise, diz respeito à repetição de um novo, de uma diferença que se especifica por se sustentar, exclusivamente, enquanto um significante?

Até que ponto não se pode dizer que o que marca a diferença de IPB, em relação a outras modalidades de instituição analítica, é a manutenção, é a sustentação de um estatuto de alteridade do significante, opondo-se a um estatuto normativo que congela significados?

Isso não é sem preço. Não há garantias de sentido, de significação, de reconhecimento, de autorizações, etc. Há, sim, a insistência do trauma – do real – que por não cessar de não se inscrever, nos obriga a “escrever”, a produzir, ou seja, ao lúdico – ao “parto” dos nossos próprios significantes, o que tem como consequência uma transmissão da psicanálise.

Nesse sentido, será que neste momento já não podemos afirmar, com um pouco mais de clareza e consistência, que o significante “IPB” dá conta de sustentar “um lugar” de formação, na medida em que seus participantes sustentam e interseccionam suas atividades de clínica e estudos, mediante supervisões, grupos de estudos, cartéis, seminários, simpósios, etc.?

Afinal, qual a repetição e a diferença d’isso para a sustentação de uma formação de acordo com o rigor ético convocado pelo efeito de uma experiência de castração, ou seja, de uma experiência na qual a função de repetição mantém o real no enodamento de seus registros?